

Baltazar Violeiro e Martinho - Moenda da Usina

tom: **B**

Sentindo saudade da roça
 Terra que era nossa resolvi rever
 A tempos que eu não voltava
 Ao lugar que eu morava e que me viu crescer
 Andar pelas verdes campinas
 E a agua da minha de novo beber
 Mas confesso quando lá cheguei
 Ao lugar que a infância passei
 Quase não pude reconhecer
 Não havia mais os arvoredos
 Cheguei a ter medo da evolução
 A paineira de tronco frondoso
 Estava em repouso de baixo do chão
 Rego d'água movia o monjolo
 Secou o seu solo com a devastação
 E a madeira dos nossos currais
 Com o fogo dos canaviais
 Só ficaram cinza e carvão
 Nossa casa meu primeiro abrigo
 Talvez por castigo nessa solidão
 A varanda tinha desabado
 Somente ficou de pé o salão
 Quando entrei pisando no entulho
 Talvez por orgulho do meu coração
 Encontrei um quadro sem moldura
 Lá no prego da parede escura

Com a fumaça do velho fogão
 Com meu lenço tirei a poeira
 Então a primeira imagem surgiu
 Era a foto daquela fazenda
 Que hoje as moendas da usina engoliu
 E na sombra da velha paineira
 Boiada carreira na foto saiu
 Vi meu pai com seu cavalo branco
 Na verdade confesso sou franco
 Nessa hora meu pranto caiu
 (**B Bb B D**)
Db
 Apertando no peito o retrato
 Pressenti de fato meu pai e meus irmãos
 Ouvi passos pelo assoalho
 E o cheiro do alho invadiu o casarão
 Pois mamãe fazia na cozinha
 Arroz com galinha verdura e feijão
 E a maninha com delicadeza
 Colocava o forro na mesa
 Prá servir a nossa refeição
Db
 Parecia tudo real
 Que até senti mal de tanta emoção
 Resolvi deli me retirar
 E de volta pegar o velho estradão
 E levando somente comigo
 Este quadro antigo pra restauração
 Muito triste voltei pra cidade
 Mas voltando a realidade
 Sei que os tempos jamais voltarão

Acordes

